

Lucas Antonio da Silva<sup>1</sup>  
Felipe Benites Tramasoli<sup>2</sup>

## **O VÍRUS E OS MATERIAIS: UMA ARQUEOLOGIA DA PANDEMIA.**

---

<sup>1</sup> Professor colaborador (PNPD-CAPES) no Programa de Pós-Graduação em História da PUCRS; Doutor em Arqueologia pelo Museu Nacional – UFRJ, [las.arqueo@gmail.com](mailto:las.arqueo@gmail.com).

<sup>2</sup> Doutorando do Programa de Pós-Graduação em História da PUCRS, bolsista do CNPq; Mestre em Arqueologia pelo Museu Nacional-UFRJ, [felipe@tramasoli.com](mailto:felipe@tramasoli.com).

## RESUMO

As reflexões arqueológicas das últimas décadas têm substanciado uma maturação da disciplina. Fazer Arqueologia no final do primeiro quartel do século XXI é mais sobre problematizar as relações materiais entre humanos e não-humanos (em seus diferentes arranjos) do que construir narrativas sobre tempos que possam ser considerados “antigos” o suficiente. Diante disso e da atual Pandemia de COVID-19, resolvemos propor uma reflexão sobre como o conhecimento arqueológico pode se articular a um momento tão particular. Considerando a peculiaridade da materialidade quase inacessível de um vírus e a nossa sujeição a uma lógica global que se propõe a colocar a humanidade em um estado de torpor diante do mundo sensível, alertamos para o perigo de cedermos ao medo e à ignorância e começarmos a combater os corpos e não a doença. Assim, cabe à Arqueologia, no que diz respeito ao enfrentamento à doença, facilitar nossa reaproximação à vida sensível.

**PALAVRAS-CHAVE:** Arqueologia. Coronavírus. Pandemia. Materiais.

## A ARQUEOLOGIA COMO O ESTUDO DAS RELAÇÕES MATERIAIS

Há algumas décadas, o dogma de que a Arqueologia se caracteriza como o estudo (das civilizações) do passado vem se tornando cada vez menos sustentável. Podemos destacar como contribuição para o esfarelamento dessa posição engessada a conscientização de: 1) que fazemos uma ciência - sempre - no presente; 2) que não é preciso desenterrar as coisas para que elas possam ter sentido; 3) e que as narrativas que produzimos não são nosso objeto de pesquisa, mas, sim, nosso produto. Assim, fica claro que uma mera característica circunstancial não é digna de qualificar fundamentalmente uma ciência. É preciso que nos voltemos ao que nos é importante, ao que é caro à Arqueologia: nosso objeto são as coisas sensíveis. E quando fazemos isso, começamos a perceber a impropriedade de nos limitarmos às efêmeras amarras temporais. E a nossa tradicional lida com as coisas duras, cotidianas, nos coloca em uma posição privilegiada para combater aquela visão tradicional, pois os arqueólogos,

*“talvez mais do que os historiadores, estão cientes há um bom tempo de que tal periodização é mais uma questão heurística do que de realidade. A separação entre o passado e o presente é, se não arbitrária, culturalmente relativa [...] Pesquisadores mais antigos perguntam: pode isso ser arqueologia de alguma forma? Ela não é, por definição, o estudo das sociedades passadas? Claramente, os arqueólogos do contemporâneo estão em processo de redefinir o que a arqueologia é (eu explico agora a meus alunos que ela é simplesmente o estudo das relações humano-materiais).” (Dawdy, 2019, p. 182)*

Assim sendo, não seria incongruente propormos análises, enquanto arqueólogos, de situações correntes que afetem a vida social, como, por exemplo, a Pandemia do novo Coronavírus declarada em 11 de março de 2020 pela OMS - Organização Mundial da Saúde. Mas de que forma poderia o conhecimento arqueológico se articular a uma situação tão peculiar? O nosso propósito neste artigo é o de, justamente, elaborar uma reflexão que dê conta de responder a tal pergunta.

## BREVE NOTA SOBRE A MATERIALIDADE DE UM VÍRUS

Enquanto cientistas do social, não nos cabe aqui descrever em pormenores a interação entre o corpo humano e um vírus - aqui, no caso, o SARS-CoV-2, que causa a doença COVID-19. No entanto, nos compete a proposição de uma análise arqueológica partindo da percepção corpórea que temos do vírus - e suas ramificações -, mesmo que ele não seja algo imediatamente visível, e que nosso acesso a ele, sem o auxílio de equipamentos, seja apenas através da manifestação de um quadro sintomático. Além disso, é interessante analisar que uma gama de interações sociais entre humanos e não-humanos, diretas ou intermediadas, estão suscetíveis a adequarem-se - adquirindo assim uma espécie de potência de transformação - a uma nova realidade, que consiste na iminente sensação de risco de contágio.

Desta forma, quando consideramos que uma ciência cujo objeto de estudo é a materialidade resolve se debruçar sobre um tema como a pandemia promovida por um vírus, o que estamos considerando é que, por mais que o vírus somente seja acessível indiretamente - como por meio de microscópios eletrônicos (Figura 1) - a sua existência, efetiva ou meramente a sua expectativa, afeta o modo como nos relacionamos com o ambiente em que estamos inseridos, bem como na nossa percepção de condição de existência.

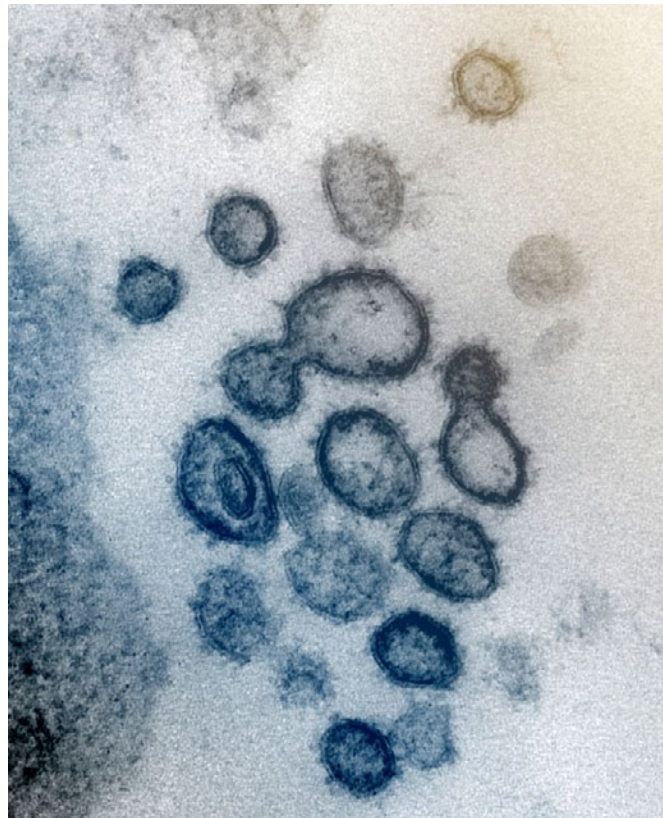


Figura 1 - Imagem do SARS-CoV-2 obtida por microscopia eletrônica de transmissão.  
Fonte: INSTITUTO BUTANTAN, 2020. Foto: NIAID/RML.

## A INSENSIBILIDADE DO MUNDO MATERIAL É UM PROJETO

O positivismo lógico que ainda domina a nossa concepção do tempo tem sido constantemente desafiado nas últimas décadas pela dura e cruel realidade: os seres humanos são responsáveis por um fenômeno de escala global, que já fez a sua primeira vítima<sup>1</sup>, passível de se tornar um evento de extinção em massa: o Aquecimento Global (Marques, 2020). E embora diversas entidades governamentais ao redor do mundo venham se articulando alegando querer combater o problema<sup>2</sup>, o que as notícias mais recentes a respeito dessa questão tendem a nos

<sup>1</sup> *Melomys rubicola*, uma espécie de roedor da família Muridae, endêmica da ilha de Bramble Cay, na Oceania, foi oficialmente declarada extinta pelo governo da Austrália no começo deste ano, embora o estado de Queensland já tenha feito tal declaração anos atrás (Platt, 2019).

<sup>2</sup> Citamos alguns exemplos focados na Organização das Nações Unidas por representar um esforço conjunto desses governos, como a Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e o Desenvolvimento - Rio-92, os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável, especificamente o 13º, além do Acordo de Paris.

sugerir é que a manutenção das condições de vida parece ser um impedimento para o *desenvolvimento* das economias. Em outras palavras, *desenvolvimento sustentável* parece ser um conceito paradoxal. A ilusão, entendemos, pode ser sustentada, pois seus efeitos mais drásticos não são iminentes, trata-se de um processo de longa duração, a quem estamos condenando são as gerações futuras. Ainda na década de 1970, Guy Debord alertou sobre as consequências da crise ecológica criada pelo avanço do capitalismo global. Segundo o autor, a cultura de consumo desenfreado aliada ao crescimento automático das forças produtivas alienadas, acentuaram a degradação do meio ambiente natural e humano em uma escala jamais conhecida na história:

“[...] o problema da degradação da totalidade do meio ambiente natural e humano já deixou, por completo, de se pôr na pretensa qualidade antiga, estética ou outra, para se tornar, radicalmente, o próprio problema da **possibilidade material de existência do mundo** que continua a seguir semelhante movimento. (Debord, 2014[1971], p. 77, grifo do autor e nosso)”.

Essa “possibilidade material de existência do mundo” revela o paradoxo no qual vivemos, uma sociedade de produção/consumo quase ilimitado *versus* um mundo materialmente limitado. James Lovelock (2009) também segue na mesma linha, afirmando que esse paradoxo da possibilidade material de existência é um fato irreversível, já que a Terra, enquanto um “ser vivo” (*Gaia*), reage para defender-se e, ao mesmo tempo, a humanidade segue avançando sobre os ecossistemas guiada pela ordem capitalista. Esse argumento da crise ecológica foi também defendido por Bruno Latour em entrevista concedida ao jornal *El País* no último ano, quando ele nos diz que:

“temos vivido numa Terra muito utópica. Imaginávamos que ela se desenvolveria *ad infinitum*, sem limites. Mas o sonho de que o planeta se modernizaria indefinidamente nunca foi verificado, não tinha fundamento material. Desde o século XIX, com o carvão e o petróleo, a economia havia se tornado infinita. E há uma angústia geral por esse desajuste”. (Bassets, 2019).

Dito isso, é possível observar que, ao longo das últimas décadas, já foram feitas várias denúncias no sentido de questionar o modo como enxergamos a nossa existência no mundo; como desmaterializamos a realidade - e, por consequência, a vida social - em detrimento da manutenção de projetos desenvolvimentistas; como diluímos a vida em narrativas e em índices econômicos. Essa nossa insensibilidade à vida material parece ter se tornado um efetivo aliado a tais interesses, principalmente na medida em que os efeitos da crise ambiental são de uma ordem totalmente diferente da nossa existência - pois se trata de um processo intergeracional (Pétursdóttir, 2017). Portanto, cabe então justificar tal digressão, posto que o que nosso objetivo aqui é o de discutir outro fenômeno, a Pandemia do novo Coronavírus.

## UMA REFLEXÃO ARQUEOLÓGICA DA PANDEMIA

Nosso propósito é o de demonstrar que já estamos enfrentando um fenômeno muito semelhante, pois eles possuem em comum o seguinte: ambos são fenômenos de escala global; ambos são pressões exercidas pelo ambiente à humanidade; ambos afetam diretamente a nossa possibilidade de existência, a nossa vida; ambos exigem que nós reconsideremos o modo como nos relacionamos materialmente com o mundo ao nosso redor. Agora, o que os difere são duas coisas: a escala temporal, a Pandemia é algo que nos é presente, agora. Em questão de meses, o mundo está condenado a ser outro, ou nós estaremos condenados ao risco de uma doença a qual não somos capazes de combater de forma sistemática, a não ser pela adoção de medidas preventivas. E um segundo, mais alarmante, destacado por Slavoj Žižek quando o autor discorre sobre a conjuntura de guerras, que passou a se desenhar no século XXI:

“Longe de apontar para a guerra do século XXI, a explosão e o colapso das torres do WTC (World Trade Center) em setembro de 2001 foram, pelo contrário, o último grito espetacular da guerra do século XX. **O que nos espera é algo muito mais estranho: o espectro de uma guerra ‘imaterial’, em que o ataque é invisível - vírus, venenos que podem estar em qualquer lugar ou em lugar nenhum. No plano da realidade material visível, nada acontece, nenhuma grande explosão; ainda assim, o universo conhecido começa a desmoronar, a vida a se desintegrar.**” (Žižek, 2003, p. 53, grifo nosso)

Seguindo a afirmação do autor, a pandemia atual tem demonstrado a dificuldade de combater uma ameaça intangível à nossa sensibilidade, isto é, nossos sentidos não conseguem propiciar diretamente a experiência material do vírus - não enxergamos, tocamos, cheiramos ou ouvimos sua manifestação. Mesmo diante dessa intangibilidade mencionada, a existência do vírus continua a se manifestar nas pessoas sintomáticas e nas milhares de vidas ceifadas pela doença. Revela-se então o paradoxo no qual nos encontramos, uma guerra contra algo intangível materialmente a nós humanos, mas que existe. Diante disso, Žižek<sup>3</sup> (2020, p. 1099) afirma que a ameaça da pandemia “passou a ser experimentada como uma fantasia espectral invisível [...]”, reforçando que a materialidade intangível do vírus se converte em uma onipresença aterrorizante:

“Estamos lidando aqui com a distinção, elaborada por Lacan, entre a realidade e o Real. A realidade é a realidade externa, o espaço social e **material ao qual estamos acostumados e no interior do qual podemos nos orientar e interagir com os outros.** Já o Real é uma entidade espectral, invisível, e que, justamente por esse motivo, aparece para nós como onipotente. No instante que esse agente espectral passa a fazer parte de nossa realidade (mesmo se isso significar contrair um vírus), seu poder torna-se localizado e ele converte-se em algo com o qual podemos lidar. **Enquanto tal transposição à realidade não ocorre, ficamos aprisionados em um estado paranoia ansiosa [...].**” (Žižek, 2020, pp. 1119-1124, grifo nosso).

<sup>3</sup> Neste capítulo - *guia de sobrevivência psíquica para o isolamento social: duas cartas de amigos* - Žižek fundamenta suas ideias em um diálogo através de correspondências com amigos, o trecho aqui citado faz parte da conversa do autor com o filósofo/psicanalista brasileiro Gabriel Tupinambá.

Para nossa reflexão arqueológica, essa diferenciação entre o “Real e a realidade”, no caso da atual pandemia, pode ser pensada a partir de dois exemplos. O primeiro se dá a partir do paradoxo da intangibilidade/existência do vírus - “ele está aí, mas não o vemos”. A maioria da população se relaciona<sup>4</sup> com o vírus dessa forma. Tratam-se das pessoas que não percebem diretamente, isto é, não foram infectadas ou infectadas assintomáticas. Neste caso, o vírus é Real, mas ainda não é realidade, *pois não se manifestou de modo perceptível*. É especialmente esse exemplo, de um vírus real, mas não como uma realidade, que o torna uma presença espectral. O segundo exemplo se dá quando o vírus se manifesta, seja em nós mesmos, algum ente próximo ou, quando se está na *linha de frente* do combate a pandemia - neste último caso, os profissionais de saúde. São essas situações que combinam o Real e a realidade, pois, por mais que o vírus não esteja visível a nossas percepções, sua manifestação se dá pela reação do corpo a relação parasitária dessa entidade “morta-viva” (Žižek, 2020).

Nesse sentido - da materialidade do vírus inacessível diretamente - que consideramos que o corpo assume uma centralidade, mesmo que derivada, na análise. Isso pois os vírus são parasitas que necessitam se apropriar das capacidades reprodutivas das células dos organismos vivos para se perpetuar. De certo modo, eles só existem na medida em que nós existimos. Portanto, notamos que, para fins de análise das relações sociais que envolvam essa variável, o corpo potencialmente contaminado é assumido como a doença, numa espécie de relação metonímica, como a imprensa tem relatado nos últimos meses (Mantovani, 2020; G1, 2020).

As autoridades de saúde, especialmente a OMS, indicam em seus protocolos que as ferramentas mais eficazes para o combate ao coronavírus (Sars-Cov-2) são: o distanciamento social, a higienização das mãos e as medidas de higiene respiratório (World Health Organization, 2019). Manter-se distante de outras pessoas, lavar as mãos sempre que tocar alguma superfície e utilizar máscaras são, até então, as maneiras mais eficazes de combate a transmissão do vírus, já que ainda não existem medicamentos preventivos ou para o tratamento da doença, muito menos uma vacina.

Enquanto isso, seguimos existindo. Como meio para que isto seja possível - e de uma maneira conciliatória às exigências da economia capitalista -, diversos governos adotaram medidas de distanciamento social, suspendendo a execução *in situ* de atividades consideradas não essenciais. Os corpos potencialmente contaminados - e vetores, é claro - ficam em casa. Mas nós ainda nutrimos uma certa insensibilidade para a vida material. E essa apatia nos desumaniza, pois parece não haver espaço para a solidariedade onde a preponderância das abstrações aliada ao medo e à ignorância reinam. Retomando a perspectiva lacaniana de Žižek sobre a questão (2020, pp. 1119-1124), neste cenário, o corpo potencialmente

<sup>4</sup> Estamos excluindo de forma proposital as pessoas que negam a existência ou a gravidade da pandemia, pois partimos dos pressupostos e orientações veiculadas pelas autoridades científicas e pela realidade que nos acerca.

contaminado com o vírus SARS-CoV-2 parece viver no limbo entre a realidade e o Real. Estamos vivendo o estado de paranoia ansiosa denunciado por ele. Diante disso, o contexto exige que expressemos claramente: há que se combater a doença, não os corpos.

Sendo assim, resta-nos perguntar: de que forma podemos combater a doença? Como podemos enfrentar essa ameaça invisível? As indicações que temos, principalmente por meio da OMS, se configuram em um protocolo centrado em gestos para evitar o contágio, tal como referido anteriormente - usar máscaras, luvas, evitar contatos interpessoais próximos, higienizar com frequência as mãos, etc. Entretanto, essas respostas são pontuais e dizem respeito a práticas de enfrentamento da doença em si. Precisamos ir além.

## TRILHANDO CAMINHOS MATERIAIS

Já parece existir o consenso - no ambiente acadêmico e, em menor escala nos debates políticos de alguns países - de que será necessário um esforço individual e coletivo de proporções globais, já que enfrentamos um problema igualmente global. A pandemia do Coronavírus demonstra, além da crise ecológica, nosso despreparo para ações conjuntas, especialmente do ponto de vista material. Não se trata apenas da falta de insumos para o combate da pandemia, tais como, máscaras, luvas ou álcool em gel, mas da ausência de uma compreensão material do que nos trouxe até o hoje. Neste contexto, cabe à Arqueologia determinar em que termos a ciência que se dedica a estudar as relações materiais pode e deve contribuir para nos tornar mais cientes do mundo material a nossa volta e das vicissitudes a que estamos sujeitos meramente por existirmos nele. Para estar ciente do mundo material, tal como suprareferido, é preciso desenvolver uma *"política que torne as coisas públicas"* (Latour, 2005, p.34), nas palavras de Latour (2005), uma *Dingpolitik*<sup>5</sup>.

Para o autor, os regimes democráticos ocidentais reduziram a política a debates vazios, orientando-os para a redução das relações existentes no mundo aos fatos consumados e inquestionáveis. Por exemplo, para grande parte das pessoas e para alguns governos, a crise ecológica é *"uma questão política"* e, por se tratar de um assunto político, é muito trabalhoso de ser debatido. Quem nunca se deparou com essa situação? Tem-se o acesso ao Real, a crise ecológica como um espectro, mas não há um esforço material de entender como ela opera a partir das relações humanas e não-humanas. O que Latour (2005) propõe com a *Dingpolitik* é exatamente o contrário, pois para *tornar as coisas públicas* é preciso evidenciar os elementos que compõe a política. Portanto, para seguir no exemplo da crise

<sup>5</sup> Segundo Latour (2005, p. 22), o sufixo *Ding* significa coisas [*Thing*]. Ao longo do texto o termo completo - *Dingpolitik* - parece tomar um sentido mais complexo, indicando uma *política através das coisas*, seguindo a conhecida abordagem relacional de seus estudos. Em Žižek (2020), o termo *Dingpolitik* é traduzido como uma política que se torna material e *"gira em torno de coisas e questões a ser abordadas, em vez de em torno de valores ou crenças"* (Žižek, 2020, p. 1245).



ecológica, trata-se de demonstrar a miríade de relações que a humanidade estabelece com o mundo, mas que, ao mesmo tempo, são desconectadas das condições materiais de existência. Ao revelar esse paradoxo eliminamos o espectro, e passamos a tratar do problema como uma realidade.

A pandemia está revelando a necessidade de uma nova relação com o mundo, pois, temporariamente, devemos seguir as recomendações e nos mantermos mais afastados, retirados das ruas, parques, praças e cafés e, até mesmo, distante do convívio social. Apesar de aprofundar ainda mais a desmaterialização do mundo, considerando que estamos virtualizando ainda mais nossas vidas - por meio de videoconferências, *chats*, ou ligações - esse será um passo crucial para nos mantermos fortes para os desafios ainda maiores que se aproximam. Entretanto, entendemos que a comprovada vinculação da pandemia com a crise ecológica (Marques, 2020), gerada pelo capitalismo, deverá rematerializar nossas vidas em um futuro próximo. Diante disso, será preciso outra relação com o mundo. O que sugerimos é que uma *Dingpolitik* seja um possível caminho a ser trilhado, como uma prática de engajamento material fundada na realidade do mundo. Revelar os paradoxos do modo como vivemos certamente não será suficiente, pois há muitas forças que atuam no mundo que são contrárias a essa abordagem, mas devemos persistir e encontrar coletivamente modos alternativos para viver em uma realidade, e não no Real.

Enquanto arqueólogos, nosso dever é fazer a ciência de *olhos abertos*, isto é, seguir as coisas e suas inflexões políticas e, com isso, propor maneiras mais conscientes de se relacionar com o mundo através da materialidade.

## BIBLIOGRAFIA

- BASSETS, M. Bruno Latour: **“O sentimento de perder o mundo, agora, é coletivo”**. El País, 2019. Disponível em: <[https://brasil.elpais.com/brasil/2019/03/29/internacional/1553888812\\_652680.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2019/03/29/internacional/1553888812_652680.html)>. Acesso em: 12 de maio de 2020.
- DAWDY, S. L. Death and Archaeology in the Present, Tense. In: TAMM, M; OLVIER, L (ed.). **Rethinking Historical Time - new approaches to presentism**. London: BLOOMSBURY ACADEMIC, 2019. p. 179-192.
- DEBORD, G. O planeta doente. In: DEBORD, G. **O planeta doente**. Lisboa: Livraria Letra Livre, 2014[1971], p. 73-88.
- G1. **Pacientes com Covid-19 narram sofrer humilhações e discurso de ódio: ‘A casa do corona é ali’**. Disponível em: <<https://g1.globo.com/pi/piaui/noticia/2020/05/18/pacientes-com-covid-19-narram-sofrer-humilhacoes-e-discurso-de-odio-a-casa-do-corona-e-ali.ghtml>>. Acesso em 19 de maio de 2020.
- INSTITUTO BUTANTAN. **Confira imagens do Coronavírus ampliadas**, 2020. Disponível em: <<http://coronavirus.butantan.gov.br/veja-o-coronavirus>>. Acesso em: 13 de maio de 2020.
- LATOUR, B. From Realpolitik to Dingpolitik or how to make things public. In: LATOUR, B; WEIBEL, P. **Making Things Public: atmospheres of democracy**. Cambridge: MIT Press, 2005, p. 14-41.
- LOVELOCK, J **Gaia: alerta final**. Rio de Janeiro: Editora Intrínseca, 2009, 264p.
- MANTOVANI, F. **Brasileiros escutam ‘good morning, coronavirus’ em atos xenófobos no exterior**. Folha de São Paulo, 2020. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2020/04/brasileiros-escutam-good-morning-coronavirus-em-atos-xenofobos-no-exterior.shtml>>. Acesso em: 12 de maio de 2020.
- MARQUES, L. **A pandemia incide no ano mais importante da história da humanidade. Serão as próximas zoonoses gestadas no Brasil?** UNICAMP – Ciência, Saúde e Sociedade. Disponível em: <<https://www.unicamp.br/unicamp/noticias/2020/05/05/pandemia-incide-no-ano-mais-importante-da-historia-da-humanidade-serao-proximas>> Acesso em 07 de maio de 2020.
- PÉTURSDÓTTIR, T. 2017. Climate change? Archaeology and Anthropocene. **Archaeological Dialogues**, v. 24, n. 2, p. 175–205.
- PLATT, J. Climate Change Claims Its First Mammal Extinction. **Scientific American**, 2019. Disponível em: <<https://blogs.scientificamerican.com/extinction-countdown/climate-change-claims-its-first-mammal-extinction>>. Acesso em: 12 de maio de 2020.
- WORLD HEALTH ORGANIZATION. **Coronavirus disease (COVID-19) advice for the public**, 2019. Disponível em: <<https://www.who.int/emergencies/diseases/novel-coronavirus-2019/advice-for-public>>. Acesso em: 20 de maio de 2020.
- ŽIŽEK, S. **Bem-vindo ao deserto do real!** São Paulo: Boitempo Editorial, 2003, 191p.
- ŽIŽEK, S. **Pandemia: Covid-19 e a reinvenção do comunismo**. São Paulo: Boitempo Editora, 2020, 72p - *Ebook*.